

# Os têxteis, favorecidos

por Olga Kan

Em 1980, as exportações de produtos têxteis ficaram aquém da meta de US\$ 1 bilhão programada pelo setor, em razão da perda da competitividade do produto brasileiro no decorrer do segundo semestre, motivada pelo aumento sensível nos custos internos dos insumos e pela política cambial do governo. Porém, as vendas de vestuários, tecidos e outros itens no mercado interno, bastante estimuladas em 1980 por causa dos altos índices de inflação e devido à melhoria do poder aquisitivo da população, garantiram ao setor um crescimento real de 5 a 6%, índice superior à média registrada nos últimos dez anos.

As indústrias, de um modo geral, trabalharam a plena carga, em 1980, com exceção dos dois últimos meses do ano. Isso ajudou de certa forma as empresas a administrar melhor os seus custos operacionais e financeiros, bastante onerados em função dos constantes aumentos nos preços dos insumos básicos, como o algodão e as fibras artificiais e sintéticas. Entre janeiro e dezembro, os preços do algodão em pluma quase triplicaram, enquanto os de fios sintéticos, como raios, vicose e cordões, tiveram um reajuste próximo dos 120%.

Apesar do grande aumento nos preços dos vestuários em geral, o consumo interno no ano passado foi fortemente estimulado pela política salarial do governo, que propiciou reajustes salariais acima dos índices do custo de vida para a grande massa de trabalhadores, na opinião dos empresários. O resultado evidenciou-se através da reativação no consumo de itens populares como os "jeans", que aumentou entre 20 e 25%. As malharias também conse-

guiram um bom desempenho, assim como os fabricantes de tecidos de poliéster e de algodão.

Essa situação parece estar mudando agora. Já no final do ano passado, as vendas de artigos de confecção no varejo não aumentaram conforme as expectativas das indústrias. O volume de encomendas dos comerciantes junto às malharias caiu sensivelmente a partir de outubro, obrigando-as a fechar o ano com estoques razoáveis.

"Por isso, neste início de ano, as indústrias não arriscam fazer projeções muito otimistas para 1981." A política salarial vai mudar muito pouco este ano para a grande maioria dos assalariados, mas paira agora a sombra do desemprego e a insegurança nos rumos da economia", diz Armando Luiz Viviani, vice-presidente do Sindicato da Indústria de Fiação e Tecelagem no Estado de São Paulo. Jacks Rabinovich, também vice-presidente do Sindicato, afirma que, se o setor têxtil conseguir manter em 1981 o mesmo ritmo de produção do ano passado, será excelente.

Embora os empresários se mostrem apreensivos também com o aumento interno da inflação, a maior preocupação maior é com as exportações, pois desde o segundo semestre de 1980 o volume das carteiras de contrato está diminuindo. Segundo Viviani, os custos internos bastante inflacionados e a política oficial de minidesvalorização tornaram o produto brasileiro menos competitivo, eliminando as condições favoráveis que detinha no primeiro semestre. "Momentaneamente, a maxidesvalorização do cruzeiro frente ao dólar, decretada em fins de 1979, compensou a retirada dos incentivos fiscais às exporta-

ções. Mas hoje as novas condições de mercado exigem outras formas de estímulo às vendas", acrescenta.

No ano passado, graças ao incremento das vendas externas nos seis primeiros meses, as exportações cresceram 10% em valor em 1980, totalizando perto de US\$ 840 milhões. Porém, se os preços fossem mais competitivos, o setor poderia ter atingido tranquilamente a meta de US\$ 1 bilhão, dizem os empresários. No ano passado, o Brasil não conseguiu preencher integralmente as cotas da Comunidade Econômica Europeia (CEE), com exceção dos fios de algodão e tecidos de poliéster e de algodão. Os exportadores brasileiros deixaram de vender para o Mercado Comum Europeu 20% de tecidos crus de algodão, 10% de confecções de tecidos felpudos, 10% de "tops" de lã e 40% de confecções em geral.

Neste início de ano, as indústrias estão procurando fechar negócios somente para entregas a curto prazo, diante da indefinição da política de exportação do setor para 1981. Os empresários estão tentando sensibilizar o governo a dar incentivos indiretos, a exemplo do que fazem os países industrializados.

"Estamos dependendo de uma série de medidas do governo. Uma delas é a desvalorização do cruzeiro frente ao dólar. Se for mantida a mesma política cambial de hoje, as perspectivas para este ano não serão boas", declara Armando Luiz Viviani. Mas, independente de qualquer solução, ele diz que os exportadores brasileiros vão procurar vender o máximo volume de fios de algodão, para tentar conseguir este ano uma cota adicional do Mercado Comum Europeu, mesmo com sacrificios.